

PEDAGOGIA FREIREANA E TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: TRILHANDO CAMINHOS DE ESPERANÇA

Vanderlan Paulo de Oliveira Pereira¹

Resumo:

O presente artigo apresenta os pressupostos teóricos da pedagogia freireana e sua evolução. Ao longo de tal narrativa apresentamos também o nascimento da *Teologia da Libertação (TdL)* e os pontos de convergência com alguns aspectos do pensamento de Paulo Freire. Paulo Freire, educador popular, católico, não nega a influência da dimensão religiosa cristã em seu pensamento e em seus escritos. Do mesmo modo, a *TdL* não nega a presença do pensamento freireano na gênese de seus primeiros momentos. Do ponto de vista teórico vários encontros serão possíveis como os conceitos de libertação, pobre, oprimido e consciência. É no campo das ideias e da práxis que a pedagogia freireana e a *TdL* se encontram traçando um caminho libertador inaudito na história da América Latina.

Palavras-chaves: **Paulo Freire – Teologia da Libertação – Educação popular**

INTRODUÇÃO

Paulo Freire é o autor responsável por uma das maiores obras em educação no Brasil. Sua trajetória como intelectual brasileiro é associada a um novo método marcado pela audácia, exigência e inserção na realidade social. Freire é um pensador complexo que só pode ser compreendido analisando sua produção literária, suas fontes e influências, e, sobretudo suas experiências com as *pessoas* e com o *mundo*.

Ao longo de sua formação intelectual e humanística, Freire aprofundou diversos autores da tradição marxista, existencialista e cristã. Dentre os autores de tradição cristã podemos destacar sua assiduidade à leitura do pensador neo-tomista Jacques Maritain, do existencialista Gabriel Marcel e do pensador brasileiro Alceu Amoroso Lima (FREIRE, 1978, p.7).

A leitura marcada por autores tão diversos enriquece a compreensão sobre a formação intelectual de Freire, mas ao mesmo tempo lança-nos um desafio de como ele conseguia harmonizar autores e obras ao longo de sua produção literária e de sua ação educativa. No intuito de circunscrever Freire a uma determinada perspectiva, muitos autores e comentaristas

¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba

reduziram-no a apenas uma concepção ou linha intelectual ou ideológica. Freire é tão complexo que por vezes revela as marcas de autores aparentemente opostos em seu pensamento. Isso é revelado, por exemplo, por meio do modo como ele trata da leitura dialética da história e ao mesmo seu posicionamento marcado pela experiência cristã.

Freire é um profundo conhecedor da tradição cristã e foi capaz de influenciar uma geração que repensava o sentimento de *eclesialidade* aquecido pelas discussões pós-concílio Vaticano II². Dada sua profundidade e densidade teórica e religiosa, Freire torna-se, durante o tempo do exílio, secretário internacional do *Conselho Mundial das Igrejas Cristãs*.

Além da relação pessoal que possui com a experiência religiosa, ele se colocava como alguém encantado com a teologia. Assim ele escreve na *Carta a um jovem teólogo*:

Ainda que eu não seja teólogo, mas um “enfeitiçado” pela teologia que marcou muitos aspectos de minha pedagogia, tenho as vezes a impressão de que o Terceiro Mundo pode, por isso, converter-se em uma fonte inspiradora do ressurgir teológico. (...) Uma teologia serviço da burguesia não pode ser utópica, profética e esperançosa, por ser uma teologia que cria um homem passivo e adaptado que espera uma vida melhor no “céu”, que dicotomiza o mundo. (FREIRE, In TORRES, 2014, p. 70).

Freire não só reflete teológica e pedagogicamente como também é reconhecidamente um inspirador da *Teologia da Libertação (TdL)*. Sua Pedagogia nasce a partir dos oprimidos e em um contexto de mudanças e crises significativas na América Latina. Sua preocupação primordial é provocar a reflexão nas pessoas, sem manipulá-las ideologicamente, acreditando que o pobre é o agente de sua própria libertação.

Em *Dialogando com a própria história*, Freire é questionado por Sergio Guimarães sobre sua experiência de fé e sua relação com a ciência. Muitos o criticavam afirmando que sua obra nada mais era que um desdobramento do *humanismo cristão*. Freire reage argumentando que em alguns momentos sua fé certamente concede subsídios para sua postura diante da ciência, pois esta não pode ser arrogante e acreditar que a tudo responde. Embora respeite e valorize o papel da ciência, nosso pensador reflete que é necessário sempre imaginarmos que a ciência é delimitada ou finita. Freire argumenta que o bem-estar trazido por sua experiência pessoal religiosa jamais fez com que a ciência fosse um obstáculo nas

² O Concílio Vaticano II foi um encontro de bispos de todos os países em Roma com a finalidade primeira de refletir a doutrina cristã católica. O Concílio iniciou-se em 1962 e foi concluído em 1965. Convém ressaltar que o Vaticano II, mais do que pensar a doutrina se colocou numa postura possível de diálogo com a *modernidade*. É evidente que o Concílio depois de cinquenta anos continua sendo interpretado de diversas formas, inclusive negando-lhes suas características ou ações mais articuladas com as intuições primeiras da década de 1960.

suas buscas intelectuais. Podemos afirmar a partir de tal obra que sua crítica era ao cientificismo e não a ciência (FREIRE, 1997, p.97).

Portanto, embora reconhecendo toda vinculação de Freire ao universo religioso ou teológico, queremos enfatizar que nos recusamos à imagem de Freire como um pensador *piega, santo, guru ou totem* (SCOCUGLIA, 2014, p, 8). Admitimos que Freire é um educador comprometido com uma revolução que é realizada por meio da educação onde surgem novos agentes e são evidenciadas novas práticas e um novo método.

Diante do exposto queremos evidenciar alguns pontos comuns a obra freireana e a *Teologia da Libertação (Tdl)*. Certamente, o presente artigo evidencia as evoluções e limites tanto de Freire como da *Tdl*, contudo o intuito é apresentar os pontos de convergência entre a pedagogia e a teologia que remetem à produção literária de ambas as perspectivas ao longo dos anos 1960 a 1980.

1. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO

Durante a primavera de 1965, Paulo Freire, publicava *Educação como prática da liberdade*. A obra escrita no Chile é fruto de suas meditações e reflexões em tempos de exílio. O livro nasceu com o vigor e o zelo pela liberdade como condição essencial do ser humano no mundo. Na sua concepção não há educação sem a presença dos seres humanos no mundo. Isso implica dizer que educação deve ser compreendida em uma relação estreita com a historicidade. A educação, portanto, não pode ser viabilizada em vista de um processo de domesticação, alienação ou mera adequação do homem ao processo de industrialização do país em vias de modernização (FREIRE, 1965, p. 52).

Freire concebe o homem como um ser histórico livre. É evidente que ele não divulga aquela liberdade presente nos pensadores liberais do século XVIII. Freire interpreta o ser humano como dotado de possibilidades, capaz de libertar a si, envolver-se na transformação do mundo e auxiliar na libertação do outro. A antropologia de Freire em *Educação como prática da liberdade* oferece os componentes de um pensador que tinha consigo a perspectiva cristã, marxiana e alguns elementos do existencialismo francês. Na sua concepção, o ser humano é um ser transcendental e ao refletir filosoficamente sobre o ser humano, ele afirma:

Ademais, é o homem, e somente ele, capaz de transcender. A sua transcendência, acrescente-se, não é um dado apenas de sua qualidade “espiritual” no sentido em que estuda Erich Kahler. Não é o resultado exclusivo da transitividade de sua consciência, que o permite auto-objetivar-

se e, a partir daí, reconhecer órbitas existências diferentes, distinguir um “eu” de um “não-eu”. A sua transcendência está também, para nós, na raiz de sua finitude. Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador. Ligação que pela sua própria essência jamais será de dominação ou de domesticação, mas de libertação. Daí que religião – religare – que encarna este sentido transcendental das relações do homem, jamais deva ser um instrumento de sua alienação. (FREIRE, 1965, p.56).

Freire não é ingênuo de pensar que todas as *experiências religiosas* estão isentas de expressões de alienação ou fanatismo. Ainda assim, ele confere as *experiências religiosas*, mais do que as *instituições religiosas*, um lugar privilegiado para o fomento da libertação dos oprimidos. Historicamente, muitas religiões demarcaram seus espaços políticos bem alinhados as classes dominantes, no entanto, Freire ressalta a possibilidade de transformação ou libertação social e integral do ser humano a partir de uma nova concepção e contributo das experiências e instituições religiosas.

Em sua perspectiva, o *ser humano* é capaz de transcender a sua realidade e ao mesmo tempo inserir-se no mundo. É exatamente por estar tão inserido e perceber-se finito que, na concepção de Freire, o ser humano é capaz de transcender (FREIRE, 1965, p.57). O ser humano não pode se esquivar do mundo para transcender. Na sua concepção, o ser humano é capaz de tal tarefa a medida que percebe sua realidade.

Por *estar no mundo*, o ser humano deve ser visto como um *ser histórico*. Além disso, o homem deve ser compreendido como um *ser em aberto*. O homem não pode ser visto como objeto, coisa, mas como sujeito de seu processo de libertação.

Freire ressalta que é necessário a partir da experiência de liberdade realizar a modificação na consciência, passando da *consciência ingênua* para a *consciência crítica*. Com tal perspectiva, podemos confirmar que Freire não teoriza a liberdade a partir da doutrina liberal, mas a partir de componentes existencialistas como os presentes na obra de Jean Paul Sartre³. O ser humano está na concepção freireana, destinado à *humanização* e não a *coisificação* (FREIRE, 1965, p. 87).

Permeado pelos ideais de uma nação alfabetizada, a obra de Freire, em suas origens lida diretamente com a preocupação social e política de estar junto às camadas populares nos processos de *alfabetização*. É evidente que tal postura não se resume a alfabetização ou leitura

³ Na concepção de Jean Paul Sartre, o ser humano possui como condição existencial a liberdade. A liberdade na concepção de Sartre é total e ilimitada. “O projeto livre é fundamental, por que é meu ser” (SARTRE, 1999, p. 590). Essa frase revela que o ser humano possui como condição no mundo ser livre, escolher diante de todos os seus atos e a medida que escolhe estabelece, na concepção de Sartre, a sua essência. A concepção de Merleau Ponty se assemelha em alguns aspectos a postura de Sartre. Ponty verifica que nossa liberdade se relaciona diretamente com a situação. Para ele, o ser humano adquire sentido ao mundo e a História realizando seu projeto existencial (PONTY, 1971, p. 445).

das letras e execução das quatro operações matemáticas, mas se destaca por prática política, social e libertadora.

Em *Pedagogia do Oprimido*, obra publicada em 1967, no período em que esteve exilado, Freire estabelece que os *oprimidos* necessitam de libertação, mas não apenas eles. Também os *opressores* devem ser libertados pelos *oprimidos* (FREIRE, 1967, p. 41). É a partir do lugar social do *oprimido* que deve ser efetivada a *libertação*. São os *oprimidos* os protagonistas de uma *educação libertadora*. Por vezes pode ocorrer que os *oprimidos* assimilem o modelo e ação dos *opressores* e se desumanizem, tornando-se cada vez mais individualistas. A *Pedagogia do Oprimido* é, portanto um projeto ético-pedagógico para a expulsão do opressor presente em nós mesmos (FREIRE, 1967, p. 46). É somente a partir da superação da dicotomia *opressores-oprimidos* que o sujeito é libertado. Isso implica dizer que tal relação ocasiona a desumanização das pessoas (TORRES, 2014, p. 25).

Na concepção de *Pedagogia do Oprimido*, o *oprimido* é que emerge na sociedade e a transforma, altera, modificando-lhe estruturalmente. Os *oprimidos* devem perceber que sua vocação como *homens é ser mais* (FREIRE, 1967, p. 72). Nessa obra, Freire critica o modelo de *educação bancária*⁴ e ao mesmo tempo a noção de que os professores são os detentores do saber e os alunos, considerados seres sem luz, em nada acrescentam ao processo educacional. Freire nesse primeiro momento ressalta que educação é um processo contínuo, dialogável e mediado pelo mundo. Assim, o mundo é o texto-base para a efetivação dos processos educacionais.

Em *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*, obra escrita em 1992, Freire ressalta o valor do que foi afirmado naquela primeira obra e ao mesmo tempo discorre sobre as críticas feitas a *primeira pedagogia* durante cerca de trinta anos. O próprio Freire afirma que esse livro é escrito com raiva, com amor, com paixões e sentimentos e por isso revela a incompreensão por parte de leitores acerca de sua obra. Freire é acusado por muitos leitores de ser *vago* em seus posicionamentos acerca do conceito de *oprimido*. Quem são os *oprimidos* para Freire? Freire afirma que não se responsabiliza pela interpretação que fazem de sua obra (FREIRE, 1992, p. 122) e expõe que o *oprimido* está situado na sociedade em lugar muito concreto do ponto de vista econômico e social e enfatiza que jamais houve a mudança de uma situação para outra apenas por conta da leitura de sua obra (FREIRE, 1992, p. 123). A leitura de Freire não pode ser vista como uma leitura *mecanicista* da realidade. Para ele, o *oprimido* pode se libertar e libertar o *opressor*, contudo,

⁴ No modelo da educação bancária, conforme Freire, o professor deposita conhecimento sobre o aluno e esse responde com seu assentimento sobre tais questões.

ele reconhece a possibilidade do *oprimido* introjetar o *opressor* por meio de certo nível de consciência dos componentes do mundo da opressão.

A partir desses pontos do pensamento de Freire, percebemos a imensa contribuição que ele concedeu ao surgimento da *TdL*. Freire é um homem profundamente religioso que em sua juventude se afasta da Igreja, mas retoma a vida eclesial por meio das leituras de Alceu Amoroso Lima. Sua visão de cristianismo é comprometida com a transformação social e não a edificação de uma instituição distante das pessoas.

O cristianismo é para mim, uma doutrina maravilhosa. Embora digam que sou um líder comunista (...) Eu nunca tive a intenção de deixar de ser, de “estar sendo”, católico (por que não sou apenas católico, mas estou sendo-o todos os dias: a condição de ser é “estar sendo”). Não senti, até hoje, qualquer necessidade de abandonar a Igreja ou deixar minhas convicções cristãs para dizer o que estou dizendo, ou para ir para o cárcere ou para o exílio. Apenas assumo apaixonadamente, corporalmente, fisicamente, com todo o meu ser, uma postura cristã porque esta me parece, como dizem os chilenos, plenamente revolucionária, plenamente humanista, plenamente libertadora e, por isso mesmo, comprometida, utópica. E esta deve ser, a meu ver, nossa posição: a posição da Igreja que não se esquece de que, por sua própria origem, é chamada a morrer tremendo de frio. Isto é uma utopia, é uma denúncia e um anúncio do compromisso histórico que expressa a coragem no amor. (FREIRE, p.51).

O cristianismo pensado por Paulo Freire é uma experiência religiosa aberta, ecumênica tolerante e transformadora. Por conceber o cristianismo dessa forma e ao mesmo tempo influenciar uma geração de teólogos latino-americanos, ele se torna um dos autores mais lidos pelos pensadores da *TdL*. É importante ressaltar que Freire de acordo com teólogos relevantes da *TdL* é uma grande inspiração teórica e prática para seu surgimento. Leonardo Boff reconhece que não só existem pontos comuns entre a pedagogia freireana e a *TdL* como também a *TdL* lança suas bases no método e pensamento freireano:

A Teologia da Libertação, na esteira de Paulo Freire, assumiu e ajudou a formular essa estratégia. É uma solução adequada à superação da pobreza. Quando essa prática vem motivada pela fé cristã e o seguimento de Cristo, fornece a base de uma reflexão crítica, que passa a se chamar então de Teologia da Libertação. (BOFF, 2014, p.13).

A partir disso analisemos o nascimento da *TdL* por meio de alguns escritores latino-americanos.

2. TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: PRÁTICA E TEOLOGIA DOS OPRIMIDOS

A *Teologia da Libertação (Tdl)* não é um movimento eclesiológico, mas uma nova expressão do cristianismo, na qual a partir de componentes ou inspirações religiosas luta-se para que o mundo seja transformado e as pessoas sejam libertadas. É um cristianismo que não possui uma perspectiva meramente doutrinal, mas, sobretudo comprometida com a transformação da sociedade. Na concepção doutrinal da *TdL* a *ortopraxia* possui tanta força ou maior força que a *ortodoxia*⁵. Na concepção de João Batista Libânio, a *TdL* apresenta que o cristianismo nasce da práxis, segue a teoria e retorna para a elaboração de uma nova práxis. O esquema apresentado é evidentemente dialético.

A *Tdl* acredita que somente o *pobre* é capaz de promover a *libertação* instaurando um sistema igualitário, participativo e justo. O teólogo Gustavo Gutierrez, provavelmente o primeiro ao usar o termo Teologia da Libertação, afirma que as décadas de 1970 a 1980 são momentos propícios da força libertadora do *pobre*.

Pode-se dizer que, nas últimas décadas, a vida e a reflexão da Igreja no contexto latino-americano estão marcadas pelo que podemos chamar a irrupção dos pobres, ou seja, aqueles que até agora estavam “ausentes” da história se fazem pouco a pouco “presentes”. Essa nova presença dos pobres e oprimidos faz-se sentir tanto nas lutas populares pela libertação como na consciência histórica que delas deriva (GUTIERREZ, 2000, p. 22).

O marco do surgimento da *TdL* é o ano de 1962, por meio da publicação *Teologia da Libertação - perspectivas*. De acordo com Pablo Richard (2006, p. 26) há quatro elementos fundadores e constitutivos da *TdL* em seu primeiro período (1962-1989):

- O primeiro componente é a opção preferencial pelos pobres carentes de libertação. A opção pelos pobres é a opção contra a pobreza e a favor de uma sociedade mais participativa;
- O segundo componente é o acento posto na práxis. O elemento mais característico da *TdL* provavelmente é a práxis. A prática da libertação é a busca da efetivação de uma sociedade alternativa;

⁵ Os dois termos são utilizados por Clodovis Boff e Leonardo Boff na obra *Como fazer teologia da Libertação*. Alguns autores se dividem com relação à perspectiva de que a ortopraxia (prática, a ação transformadora) está acima da ortodoxia (do campo doutrinário). Teólogos latino-americanos afirmam em algumas ocasiões que a *TdL* é também ortodoxa. Na base de tais afirmações são utilizados os critérios que remontam as experiências doutrinárias do cristianismo primitivo. A hierarquia romana e, sobretudo a Congregação para a Doutrina da Fé durante o pontificado de João Paulo II assumiram uma postura bastante rígida com relação aos teólogos da *TdL*.

- Os terceiro é a dimensão profética da *TdL*; Nesse ponto convém explicitar que a *TdL* se propõe a denunciar as práticas de injustiça social e econômica e ao mesmo tempo apresentar um projeto ético permeado por uma esperança que se concretiza na história;
- E o último ponto é a espiritualidade “*encarnada*” na história. Nessa perspectiva, a espiritualidade ou experiência religiosa insere o ser humano no mundo para transformá-lo e ao mesmo tempo em sua relação com o Transcendente ele apresenta o mundo e sua historicidade.

Para Gutierrez, a América Latina vive uma experiência contraditória de dependência e libertação. Países como Brasil, Colômbia, Argentina, México e Chile experimentam ao longo dos anos 1950 um momento de otimismo que será confrontado com a dura realidade presente nos anos seguintes. Falar de dependência em sua perspectiva remonta necessariamente a ideia de *libertação* do continente.

O texto de Gustavo Gutierrez (2000, p. 156) é audacioso por afirmar, como teólogo, que somente uma *revolução social* é que traz mudanças profundas na sociedade. Seu ponto de vista é marcado por um tom otimista acerca do cristianismo. Percebe-se que por vezes Gutierrez incorre com generalizações sobre a Igreja Católica. Não é a Igreja Católica que é *revolucionária* ou que almeja de fato a libertação prescrita pelos pobres e teólogos da *TdL*, mas somente alguns setores. Gutierrez, em sua obra *Teologia da Libertação: perspectivas*, afirma que somente o pobre é capaz de se libertar. O texto denuncia as atrocidades do sistema capitalista e ao mesmo tempo revela certa abertura aos ideais socialistas.

A Igreja Católica tinha em meio a sua diversidade adeptos da *TdL* e membros da hierarquia perseguindo teólogos e agentes de pastoral. A *TdL* utilizou-se da dialética marxista para análise da realidade social. A mesma instituição possui dentro de si duas posturas antagônicas. De um lado: agentes de pastorais, bispos, padres e religiosos (as) envolvidas na transformação social; de outro, membros com as mesmas funções, atribuições e ministérios perseguindo aqueles e “acusando-os” de comunismo⁶.

Para Leonardo Boff, a centralidade da *Teologia da Libertação* está no *pobre concreto*. A *TdL* na sua perspectiva luta contra a pobreza, mas também se opõe a acumulação, a riqueza. O princípio que rege tal perspectiva é a prática da justiça.

⁶ De acordo Rodrigo Patto de Sá Mota (2002, p. 36), a Igreja Católica certamente se tornou a maior matriz anticomunista de todos os tempos. Criou-se no século passado uma espécie de obsessão em perseguir tudo o que tivesse algum componente dos ideais e da obra de Marx e dos marxistas.

O punctum stantis et cadentis da Teologia da Libertação é o pobre concreto, suas opressões, a degradação de suas vidas e os padecimentos sem conta que sofre. Sem o pobre e o oprimido não há teologia da libertação. Toda opressão clama por uma libertação, por isso, onde a opressão concreta e real que toca a pele e faz sofrer o corpo e o espírito aí tem sentido lutar pela libertação. (BOFF, teologia do cativo e da libertação 2014, p. 11).

Inicialmente o princípio que orientava a própria ação da *Tdl* era uma ação em vista dos pobres. A dimensão caritativa e solidária para com os pobres ainda perpassava muitos discursos e escritos da década de 1960 e 1970. Aos poucos teólogos e teólogas reafirmaram num tom freireano a seguinte assertiva que Boff foi capaz de sintetizar:

Em seguida buscam-se as mediações concretas que viabilizam a libertação, sempre tendo como protagonista principal o próprio pobre. Aqui entra em funcionamento outra lógica, aquela das metas, das táticas e estratégias para alcança-las; das alianças com outros grupos de apoio e da avaliação da correlação de forças; do juízo prudencial acerca da reação do sistema e seus agentes e da possibilidade real de avanço. (BOFF, 2014, p. 17).

De acordo com Leonardo Boff, o conceito de *libertação* nasce a partir da consciência histórica. O ser humano contemporâneo tomou consciência das desigualdades sociais, culturais, políticas e econômicas que caracterizavam grande parte dos países do mundo. O conceito de subdesenvolvimento atravessa toda a discussão sobre a libertação. Portanto, libertação é a negação do sistema desenvolvimentista presente ao longo dos anos 1960. Ao aprofundar o conceito mais uma vez Boff evoca o texto de *Educação como Prática da Liberdade*:

Através da conscientização o oprimido passa de uma consciência ingênua que não chegou ainda a detectar a sua própria situação de oprimido e que deixou introjetar em si mesmo a estrutura de opressão para uma consciência crítica pela qual cobre conhecimento de seu estado, extrojeta as categorias opressoras em si e se abre para o diálogo crítico e para a verdadeira criatividade. Tudo isso se dá também num processo que é libertador, mas que pode ser lento e confiante. (BOFF, 2014, p.48).

Na concepção de Boff, a *Tdl* não é apenas uma *revolução espiritual* ou *religiosa*, mas uma *revolução cultural*. Na sua perspectiva por meio da *TdL*, os pobres ganharam visibilidade e consciência de suas opressões. Por meio dela, diversos agentes de pastoral, religiosos e religiosas, padres e bispos se envolveram na sociedade civil de forma relevante. Além de ações tão importantes, a *TdL* também foi responsável pela criação e fomento de partidos e

sindicatos em todo o país como por exemplo o *Partidos dos Trabalhadores (PT)*, o *Movimentos dos Sem-Terra (MST)* e a *Comissão Pastoral da Terra (CPT)*.

A libertação expressa a emergência de uma nova consciência e um novo olhar sobre a realidade experimentada no passado e presente. A historicidade do gênero humano revela a posição que o ser humano possui na história. No passado, existem as origens dos processos de opressão. É importante explicitar que isso não significa dizer que somente a partir do surgimento da *TdL* ou da pedagogia de Freire é que os pobres ganharam tal consciência. Contudo, é inegável que ambas contribuíram substancialmente para efetivação desse processo.

Gutierrez apresenta a *Teologia da Libertação* inicialmente como um movimento próprio da atividade teológica. Assim, o teólogo realiza uma análise histórica dos desdobramentos da teologia. Por isso ela deve superar uma noção ingênua da realidade.

A reflexão crítica procede, assim, permanentemente em sentido inverso ao de uma ideologia racionalizadora e justificadora de determinada ordem social e eclesial. Por outro lado, a teologia, recordando as fontes da revelação, ajuda a orientar a ação pastoral, pondo-a em mais amplo contexto, dando assim, sua contribuição para que não se caia no ativismo e no imediatismo. Como reflexão crítica, a teologia cumpre uma função libertadora do homem e da comunidade cristã, evitando-lhes todo fetichismo e idolatria. Evitando igualmente um narcisismo pernicioso e redutor. Assim entendida, tem a teologia necessário e permanente papel na libertação de toda forma de alienação religiosa, muitas vezes alimentada pela própria instituição eclesial que impede aproximar-se de modo autêntico da palavra do Senhor (GUTIERREZ, p.71).

Parte significativa dos bispos da América Latina assumiu a perspectiva da *Tdl*. A Conferência latino-americana de Medellín em 1968 mostrou-se preocupada não apenas com a conjuntura política e social do continente, mas se envolveu em propagar a necessidade de uma educação integral do ser humano. O texto promulgado após o encontro afirmava:

Existe, em primeiro lugar, o vasto setor dos homens “marginalizados” da cultura, os analfabetos e especialmente os analfabetos indígenas, privados por vezes até do benefício elementar da comunicação por meio de uma língua comum. Sua ignorância é uma escravidão inumana. Sua libertação, uma responsabilidade de todos os homens latino-americanos. Devem ser libertados de seus preconceitos e superstições, de seus complexos e inibições, de seus fanatismos, de sua tendência fatalista, de sua incompreensão temerosa do mundo em que vivem de sua desconfiança e de sua passividade.

A tarefa da educação destes irmãos nossos não consiste propriamente em incorporá-los nas estruturas culturais que existem em torno deles, e que podem ser também opressoras, mas em algo muito mais profundo. Consiste

em capacitá-los para que, eles próprios, como autores de seu progresso, desenvolvam, de maneira criativa e original, um mundo cultural em acordo com sua própria riqueza e que seja fruto de seus próprios esforços, especialmente no caso dos indígenas devem-se respeitar os valores próprios de sua cultura, sem excluir o diálogo criativo com outras culturas. (CELAM, 1968, p. 87).

Na perspectiva de grande parte dos bispos dessa geração conciliar, a educação da América Latina deve ser libertadora, valorizando as peculiaridades locais e nacionais, integrando a pluralidade residente nesse continente. Além disso, tal perspectiva educacional deve redimir as pessoas das servidões injustas e das relações pautadas pelo egoísmo (CELAM, 1968, p. 89).

A *Tdl* nunca foi unanimidade na Igreja Católica, tanto que durante o pontificado de João Paulo II foram promulgados dois documentos sobre ela, revelando posturas distintas: *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação* em 1984 e *Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação* em 1986. De acordo com João Batista Libânio (1987, p.31), a *Tdl* existe a partir de um contexto político e sofre contínuas represálias ao longo da década de 1980 por meio do prefeito da Doutrina da fé, o Cardeal Joseph Ratzinger⁷.

De acordo com Libânio, a *TdL* e os teólogos Leonardo Boff e Gustavo Gutierrez ganharam notoriedade por conta dos processos movidos contra ambos através da *Congregação para a Doutrina da Fé*.

A crítica feita a *TdL* por vezes se situa no campo epistemológico ou metodológico. Contudo, as motivações que se apresentam para provocar a ira da *Congregação da Doutrina da Fé* se relaciona as obras e a chave de leitura dialética marxista presente no pensamento e nas ações da *TdL*.

3. PEDAGOGIA FREIREANA E TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: DIÁLOGOS NA TEORIA E NA PRÁXIS LIBERTADORA

Sobre os teólogos da libertação, Freire em *Os cristãos e a libertação dos oprimidos* afirma que tais teólogos são fundamentais na transformação da sociedade, contribuindo eficazmente na libertação do oprimido. Sua interpretação acerca de tal teologia é a de que ela *revolucionária* por se opor a opressão e a exploração das pessoas. Contudo, ressalta que

⁷ A concepção que Leonardo Boff tem sobre Joseph Ratzinger é a de que ele era o responsável por um processo de marginalização de teólogos e agentes de pastoral (padres e leigos). Ratzinger, atual papa emérito Bento XVI, marcou o pontificado de João Paulo II em sua ação de represália aos posicionamentos de alguns teólogos considerados “avançados”.

somente os *oprimidos*, como esses mesmos teólogos reconhecem, é que são capazes de transformar tal realidade.

Eles (os teólogos da libertação) sabem muito bem que só os oprimidos, como classe social, proibida de dizer a sua palavra, podem chegar a ser utópicos, proféticos e esperançosos, na medida em que o seu futuro não é mera repetição reformada do seu presente. O seu futuro é a concretização da sua libertação, sem a qual não lhes é possível ser. Só eles estão em condições de denunciar a “ordem”, anunciar um mundo novo que deve ser refeito constantemente. (FREIRE, 1978, p.21).

Freire reconhece também que na América Latina há modelos diversos de cristianismo que terminam causando obstáculos a libertação das pessoas. A partir dessa constatação, Freire critica o modelo eclesial tridentino ainda vigente ao longo da década de 1970 e 1980.

Por essa razão, não é viável falar, em termos objetivos, de um papel unificado, coerente, das Igrejas latino-americanas face à educação. Ao contrário, há papéis distintos e até antagônicos em função da linha política, clara, oculta ou disfarçada, que as diferentes Igrejas estão assumindo historicamente na América Latina.

Um é, por exemplo, o papel que exerce uma Igreja tradicionalista que ainda não conseguiu superar as suas profundas marcas coloniais. Missionária no pior sentido da palavra; “conquistadora” de almas, necrófila. Vem daí seu prazer masoquista de falar de tantos pecados, de ameaças de fogo eterno, de perdição sem resgate. (...) Essa posição face ao mundo, face a vida, satisfaz a impotência da consciência fatalista e medrosa dos oprimidos em determinada etapa de sua experiência histórica. Encontram aí uma espécie de bálsamo para o seu cansaço existencial. (FREIRE, 1978, p.29).

Freire critica severamente o cristianismo que se preocupa apenas com a dimensão *transcendental* do ser humano. Para ele, esse modelo teológico e eclesial só reforça o silêncio dos *oprimidos*. Esse modelo eclesial tende cada vez mais a uma postura proselitista para concentração massiva de fiéis obedecendo ao modelo de pastores (líderes) e ovelhas (leigos – fiéis). A educação popular e a pedagogia freireana questionam esse conceito de “rebanho”. Os fiéis, agentes de pastoral, leigos podem ser “guiados” como um rebanho? Essa é uma problemática já questionada nas aulas conciliares do Vaticano II e até nossos dias essa postura ainda não obteve uma reflexão mais profunda e séria sobre a questão⁸.

⁸ Sobre isso existe um importante texto do teólogo Renold Blank, *Leigos: ovelhas ou protagonistas?* O termo inicialmente foi problematizado por Yves Congar que concedeu ao leigo um significado positivo. Historicamente, muitos interpretam que o leigo é aquele que não é clérigo. Outro texto importante é o de José Antonio de Almeida *Leigos em que?*. Para Almeida o termo leigo remonta a expressão grega *Laos* que significa povo. Contudo, ele reconhece que antes que a expressão se tornasse algo negativo, o termo foi visto como aqueles que acolhiam as pessoas durante suas reuniões religiosas no primeiro século do cristianismo (ALMEIDA, 2006, p. 34) em outras palavras, o leigo era um consagrado parte constitutiva do povo cristão. A

Leonardo Boff ao tratar da relação leigos-clérigos critica o modelo tradicional linear e hierárquico (papa – bispo – padres – leigos) e propõe uma mudança estrutural marcada por uma experiência de circularidade nas relações. Tal concepção causou o afastamento do teólogo de suas atribuições religiosas a partir da década de 1980.

Freire em *Educação como prática da Liberdade* nos convida a reflexão sobre o processo de hominização das pessoas. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (p. 124) afirma: “A hominização não é adaptação: o homem não se naturaliza, humaniza o mundo. A ‘hominização’ não é só processo biológico, mas também história”. A mudança real, em sua perspectiva não ocorre apenas na consciência das pessoas, mas na história dos homens e mulheres.

A *libertação* de acordo com Freire se inicia fundamentalmente a partir da consciência dos indivíduos, passando de um conhecimento marcado pela ingenuidade e atingindo a criticidade. A educação não pode ser vista como processo de massificação ou coisificação. Deve ser pautada na palavra, mas não numa palavra esvaziada de significado, mas uma palavra transformadora marcada pela criticidade de sua consciência (FREIRE, p.124). Contudo, o mesmo Freire ressalta que é necessário iniciar essa tarefa a partir da experiência do *senso comum*. Apesar das críticas ao conhecimento presente no *senso comum*, Freire não descarta sua utilidade para uma educação libertadora. Não levar em consideração o senso comum é não apenas um obstáculo ideológico, mas também epistemológico (FREIRE, 1992, p.117).

A perspectiva da *Tdl* também está direcionada na mesma perspectiva. Partindo de um conhecimento popular é que as pessoas promovem a circularidade do conhecimento e há um mútuo reconhecimento das experiências dos outros. Para *TdL* também é necessário conscientizar e promover as transições de consciências em meio aos *oprimidos*.

Cláudio de Oliveira Ribeiro, na obra *A Teologia da Libertação morreu?* analisa a *TdL* ao longo da década de 1980 e afirma que houve um exagero com relação a imagem e o poder libertário do pobre. Sua tese na verdade está amparada com uma leitura da obra do teólogo Juan Luiz Segundo. Para Ribeiro, a *TdL* confundiu-se do ponto de vista teórico e metodológico com os ideais marxistas o que a conduziu ao enfraquecimento após a queda do mundo soviético. A partir dessa postura podemos nos perguntar será que a *TdL* estava realmente permeada de todos os ideais de Marx ou a apropriação do método dialético assumido por Freire e a *TdL* enriqueceu a experiência de libertação proposta por ambos?

noção de *Igreja: povo de Deus* tão presente no Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II enfrentou dificuldades para ser aceita nos espaços institucionais.

CONCLUSÃO

O compromisso da *TdL* e da pedagogia freireana em transformar a realidade nos impele a reflexão sobre os caminhos de uma educação libertária na América-latina. Tanto os membros da *TdL* quanto os educadores de perspectiva freireana foram responsáveis por mudanças significativas no processo de conscientização, criticidade e libertação das pessoas.

Destaca-se que na pedagogia freireana e na *TdL*, os pobres e oprimidos deixam de ser vistos por muitos como *coisas* e tornam-se protagonistas de sua própria libertação. O conhecimento ou cultura popular passa a ser valorizado e admitido como passo inicial necessário para uma troca epistemológica e educacional.

Na perspectiva de Freire e de alguns teólogos da *TdL*, o mundo é visto como lugar onde o ser humano pode *ser mais* e a alteridade se torna fundamental na emancipação do homem.

Percebemos que a pedagogia freireana e a *TdL* propõem uma revolução que se dá por meio da cultura e da educação estabelecendo a práxis como espaço privilegiado para o encontro entre as duas propostas. Ambas são recentes e certamente ainda necessitam de revisão e aprofundamento. No entanto, necessita-se de um reconhecimento dos contributos da proposta educacional libertária para a mudança de um continente, que ainda que marcado pela experiência cristã, necessita de libertação, utopia e esperança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Antonio José de. **Leigos em quê?** Uma abordagem histórica. São Paulo: Paulinas, 2006.

BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja.** Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Teologia do cativo e da libertação.** Petrópolis, 7 ed., 2014.

CELAM. **Conclusões da Conferência de Medellín.** São Paulo: Paulinas, 2002.

FREIRE, Paulo. **Dialogando com a própria história.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.

_____. **Os cristãos e a libertação dos oprimidos.** Porto: Base, 1978.

_____. **Pedagogia da esperança.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação: perspectivas.** São Paulo: Loyola, 2000.

LIBANIO, João Batista. **Teologia da libertação: roteiro didático para um estudo.** São Paulo: Loyola, 1987.

MOTA, Rodrigo Patto de Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

PONTY, Merleau. **Fenomenologia da percepção.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. **A Teologia da libertação morreu?** Reino de Deus e espiritualidade hoje. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

RICHARD, Pablo. **Força ética e espiritual da teologia da libertação no contexto atual de globalização.** São Paulo: Paulinas, 2006.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada.** Petrópolis: Vozes, 1999.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A teoria só tem utilidade se melhorar a prática educativa: as propostas de Paulo Freire.** Petrópolis: DP et Alli, 2014.

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo e práxis educativa: uma leitura crítica de Paulo Freire.** São Paulo: Loyola, 2014.